



umanitas

74

**O MAR E A VIAGEM:  
SUA EXPRESSÃO NA LITERATURA PORTUGUESA**

**THE SEA AND THE VOYAGE:  
EXPRESSION IN PORTUGUESE LITERATURE**

**MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES**

lsoares@utad.pt

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-4664-8190>

Artigo submetido a 07-09-2018 e aprovado a 17-01-2019

**Resumo**

O presente estudo estrutura-se tendo em conta duas linhas temáticas: a onipresença do mar e o tema da viagem marítima na cultura portuguesa – o “mito de Henrique” (o navegador), na opinião de António Quadros.

Para dar a conhecer o problema, segue-se um paradigma interpretativo e crítico e uma metodologia de investigação qualitativa, analisando-se a perspetiva dos estudiosos atuais da cultura portuguesa, que ligam o tema da viagem por mar à questão da identidade coletiva.

Por meio de uma abordagem diacrónica do tema do mar e da viagem na literatura portuguesa – contributo inovador do estudo para o estado da arte da questão –, chega-se à conclusão da inegável vocação marítima deste país de finisterra, marcado do ponto de vista psicossocial pela Viagem dos Descobrimentos.

**Palavras-chave:** viagem por mar; Literatura Portuguesa; vocação marítima.

**Abstract**

Our study was structured along two themes: the omnipresence of the Sea and the Sea travel in the Portuguese Culture – the “myth of Henry, the Navigator”, according to António Quadros.

To present the matter, we followed an interpretative and critic paradigm, and a qualitative research methodology, analyzing the perspective of contemporary Portuguese Culture researchers that associate the theme of Sea travelling to the collective identity questions.

Using a diachronic approach to the theme of Sea and Travel in the Portuguese Literature – an innovative contribute to the state of the art –, we concluded that the maritime vocation of this *finis terrae* country is unquestionable, and that it is psychosocially marked by the Travel of the Discoveries.

**Keywords:** sea travel; Portuguese Literature; maritime vocation.

A linguagem e a expressão artística da mesma – a literatura – compreendem a relação do homem com todas as coisas e envolvem o ser em toda a sua plenitude. Como diria Heidegger, *a linguagem é a casa do ser*, já que o ser está na linguagem e não se pode, por exemplo, “pensar a democracia numa língua em que não existe a palavra democracia”<sup>1</sup>. Na linha ideológica heideggeriana, Vergílio Ferreira considera que “uma língua é o lugar donde *se vê o mundo* e de *ser* nela *pensamento e sensibilidade*”<sup>2</sup>. Assim, tudo o que o homem diz, faz ou pensa está presente na sua *arte-linguagem* e inscreve-se no contexto mítico e na cultura do povo que, no ato de *se pensar*, também se revela. Na verdade, a autoconsciência reflexiva ou a interrogação sobre o *ser* é tão antiga quanto o homem. A sua capacidade de pensar abre campo à aptidão de *se pensar* na sua *clausura* e na sua *abertura* ao mundo, ou seja, a existência humana decorre entre dois polos: o do *real* e o do *possível* e pauta-se entre a consciência existencial, a consciência racional e a consciência mítica que – no dizer de Manuel Antunes – “traduz o próprio fundo do homem, porque dela *partem todas as afirmações de transcendência*, porque ela *designa a instância suprema reguladora do equilíbrio do homem* (...), porque, *em suma é a consciência mítica que permite a entrada da razão na existência*”<sup>3</sup>.

Sobre o mito e a mitogenia portuguesas, podemos considerar assim que se associam à razão, enquanto gerador de entendimento sobre o mundo

---

<sup>1</sup> É interessante, a propósito, a constatação de Mia Couto sobre a ligação da língua com o real. No seu artigo “Como falamos a democracia?”, o escritor refere-se a algumas ditaduras como a do Zimbabué e do apoio dado a Robert Mugabé e interroga-se sobre a questão de saber “como pensar a democracia numa língua em que não existe a palavra democracia? Num idioma em que presidente se diz Deus?” In *África XXI*, Maio de 2009. Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=2075>

<sup>2</sup> Ferreira 1999: 84. Itálicos nossos.

<sup>3</sup> Antunes 1966-67: 87.

que nos rodeia. Neste sentido, pode dizer-se que tem uma funcionalidade *psicológica e coletiva* e exerce por vezes uma importante *função compensatória*, designadamente, em momentos históricos desfavoráveis. Por exemplo, é em contexto de decadência que se forjam determinados mitos que funcionam como impulsos regeneradores<sup>4</sup>, verdadeiras formas de resistir à adversidade<sup>5</sup>.

No dizer de António Quadros, “a mitogenia portuguesa contém uma energia própria, transcende os eventos históricos, se é que não os provoca, estimula e alimenta”<sup>6</sup>. Partimos assim – com ele e com outros estudiosos da cultura – exatamente do pressuposto de que se pode falar de grupos culturais de forma generalizada e da existência de uma cultura nacional com uma certa identidade e uma certa permanência no tempo<sup>7</sup>. O contrário disso seria admitir a inexistência de particularidades nacionais e culturais, sendo que todos os países – como massa informe – teriam as mesmas características, sem individualidade histórica, sem memória e, consequentemente, sem identidade.

Na sua obra, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, o mesmo pensador – António Quadros – faz uma mito-análise da *psique portuguesa* e estabelece a existência de cinco mitos que colhem as suas imagens num fundo arquétipo comum e se afirmam como uma constante ou obsessão temática na diacronia da história, construindo uma identidade sociocultural<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> Disso são exemplos a lenda de Ourique, o mito sebástico e a profecia do Quinto-Império.

<sup>5</sup> Soares 2007: 111.

<sup>6</sup> Quadros 1989: 50.

<sup>7</sup> Cf. Quadros 1989: 50; Almeida 1991: 492-500; Hall 2010: 38; Assmann 2011: 195.

<sup>8</sup> Quadros 1982: 129-130. António Quadros (1923-1993), na peugada de Álvaro Ribeiro e José Marinho, propugna a existência de uma *filosofia portuguesa*, ou *patriosofia* que gira em torno da defesa de uma mística nacional, assente em arquétipos fundadores (Sublimação da mulher; Supervivência do Amor; Providencialismo da História de Portugal; Sebastianismo e Henriquismo, centrando-se o último, na figura de Henrique, o navegador, e na questão da viagem presente neste estudo). Estes mitologemas figuram como constantes diacrónicas na literatura e na cultura portuguesas e exprimem uma *Ideia de Portugal*, a nosso ver, de sentido apologetico nacional(ista), centrando o *Ser português* no passado. Outro estudioso da cultura em Portugal, Eduardo Lourenço, tem um posicionamento diferente face a uma mesma realidade. Na obra *O Labirinto da Saudade*, o pensador reflete sobre a realidade nacional, fazendo uma revisão do percurso português até ao fim do salazarismo e questionando os discursos sobre Portugal. O objetivo principal da obra é a reflexão sobre a identidade portuguesa, o debate sobre o que *se é* enquanto povo e não sobre *o que se foi*, a ponderação sobre a realidade presente e futura. Ao discursar sobre *o que somos* e não sobre *o que fomos*, ainda e sempre, se visa repensar a realidade portuguesa.

Na medida em que se manifestam como *unidade onírica* singularizam o espaço imaginário português nos âmbitos da cultura, da literatura e do pensamento. E, se a existência de um modo de pensar português não é condição suficiente, é condição necessária à sobrevivência do país e do seu povo. Implica ainda a relação do *eu* com o *outro*, pois só no reconhecimento da alteridade se pode construir a identidade. Esta construção identitária não é assim um fechamento, antes se relaciona com a adesão à viagem – *por mares nunca dantes navegados*<sup>9</sup>– e implica uma abertura ao relativo, ao exótico, que uma reflexão sobre o *eu* sempre exige.

É a partir do séc. XV, e sobretudo com o alvorecer do séc. XVI, quando a literatura portuguesa se enriquece com novas temáticas, que o mar passa a ser visto de dentro, deixa de ser mero cenário e passa a tema principal de muitas composições literárias, mesmo aquelas em que permanece o substrato da tradição medieval. Disso é exemplo a trova à maneira antiga de Camões, de que citamos excertos:

“Irme quiero, madre  
á aquella gallera  
con el marinero  
á ser marinera”<sup>10</sup>

A lembrar – pelo ideário – as barcarolas ou marítimas dos trovadores medievais, não falta nesta redondilha camoniana um sujeito de enunciação feminino, a figura da mãe no papel de confidente da donzela e a invocação direta às ondas:

“Decid, ondas, ¿ cuando  
Vistes vos doncella,  
Siendo tierna y bella,  
Andar navegando?”<sup>11</sup>

Face às cantigas da Idade Média, a postura do enunciador poético no século XVI é, porém, diferente. A jovem donzela, aqui, cede aos desígnios de Cupido – o *niño fiero* – e decide fazer-se ao mar para se tornar marinheira, em cumplicidade amorosa com o seu amado:

<sup>9</sup> Camões *Lus* 1.1.

<sup>10</sup> Camões 1973: 78.

<sup>11</sup> Camões 1973: 78.

“Madre, si me fuere  
do quiera que voy,  
no lo quiero yo,  
que el Amor lo quiere.

Aquel niño fiero,  
hace que me muera,  
*por un marinero,  
a ser marinera.*

[...]

Con él por quien muero  
voy, porque no muera,  
que *si es marinero,  
seré marinera*”<sup>12</sup>.

Desenha-se na cantiga citada o mitologema do henriquismo: do ser que vence os desafios do mar, tema que convive com a literatura de viagens, em que a *imagem do mar* se associa a uma lógica concreta de abertura ao mundo e que coincide historicamente com o período das grandes navegações.

Este impulso da viagem que caracteriza a cultura portuguesa e lhe traça para sempre a identidade parte, contudo, das *Naus de Verde Pinho* de D. Dinis, impulsionador dos Descobrimentos. Assim é encarado o *rei-poeta* na atualidade, por exemplo, na narrativa em verso para a infância de Manuel Alegre sobre o relato da viagem marítima em que Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas. Senão, vejamos:

“E da flor de verde pino  
das trovas do seu trovar  
mandou plantar um pinhal.  
Depois a flor foi navio.  
E lá se foi Portugal  
caravela a navegar”<sup>13</sup>

Mas a vocação atlântica dos portugueses ganha evidência e amplia-se com a exploração da costa africana do Infante D. Henrique para culminar no projeto imperial iniciado por D. João II, na construção do Império do Oriente e na colonização do Brasil. O Portugal Quinhentista assume assim

---

<sup>12</sup> Camões 1973: 78.

<sup>13</sup> Alegre 1996: 3.

um papel singular, neste contexto, e contribuirá decisivamente para a mudança do paradigma cultural e científico, ao surgir, no dizer de Miguel Real, como “o Portugal que revela à Europa que o homem é feito de muitos homens, de muitas raças, muitas cores, credos, hábitos, quebrando a visão unicitarista”<sup>14</sup>.

É esta a imagem que sobressai n’*Os Lusíadas* onde, para além da viagem marítima de Vasco da Gama, se revela – no dizer de Eduardo Lourenço – o “espírito de Portugal”<sup>15</sup>.

O aporte dado pela literatura portuguesa do *século de ouro* à definição da nossa cultura, cuja identidade é indissociável da viagem pelo mar, é porém mais vasto e copioso, como o sublinha Miguel Real, ao apresentar como pilares literários as seguintes obras: *Os Lusíadas* de Luís de Camões, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e a *História Trágico-Marítima* compilada por Gomes de Brito<sup>16</sup>. As três teses nelas definidas expõem, no dizer do pensador, a personalidade portuguesa: o carácter mítico d’*Os Lusíadas*; o pragmatismo luso na *Peregrinação*; e o fatalismo português na *História Trágico-Marítima*.

Quando analisamos a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e *Os Lusíadas* de Camões, deparamos com a mundividência do Português de Quinhentos – que condiciona a do homem de hoje<sup>17</sup> – compartimentado na diáde: *enraizamento/aventura*<sup>18</sup>, dialéctica que conflui no desejo de “estar

---

<sup>14</sup> Real 2011:77. Nesta obra, Miguel Real divide a cultura portuguesa em quatro correntes de pensamento, que se desenvolveram na diacronia temporal: a primeira que designa messianista, a segunda, que considera racionalista, a terceira, a modernista, e a última, a espiritualista. Estas correntes de pensamento distribuíram-se, segundo o mesmo autor, por cinco períodos temporais, destacando o primeiro período, de D. Dinis à epopeia dos Descobrimentos, como o grande momento enformador e cristalizador das principais características da nossa cultura.

<sup>15</sup> Lourenço 2010:148.

<sup>16</sup> Real 1998: 114.

<sup>17</sup> Cf André 2005: 72. João Maria André, na obra *Diálogo Intercultural. Utopia e mestiçagem em Tempo de Globalização*, defende esta ideia ao afirmar que o “Renascimento é talvez o período que mais pontos de contacto tem com o tempo que vivemos e por isso privilegiamos para um confronto com a actualidade em ordem a iluminar as nossas respostas e os nossos projectos”. Nesse período – acrescenta – “sente-se a vertigem do infinitamente grande do universo em que o homem não é mais do que um ponto a viajar no silêncio dos espaços siderais, com o que isso pode ter de belo para os místicos ou de aterrador para os mais geométricos e racionais”.

<sup>18</sup> Soares 2002: 281-298.

onde não se está”<sup>19</sup>, no carácter complexo e duplo, *concreto/abstrato*<sup>20</sup>, e impelido por uma “hiperidentidade irrealista e a infinita resignação”<sup>21</sup>.

Em comum, nas três obras pertencentes à literatura de viagens – *Os Lusíadas* de Luís de Camões, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e a *História Trágico-Marítima* –, exprimem-se, em suma, as contradições inerentes à ideologia expansionista. Em todas elas, a viagem pelo mar é uma constante temática com diferentes focalizações, como já o eram os roteiros, os diários de bordo, os documentos técnicos para orientação náutica, que figuram como antecedentes desta literatura enunciada em variadas modalidades genológicas, que vão da crónica, na pena de Gomes Eanes de Zurara ou de João de Barros, à carta, à tratadística<sup>22</sup>, ao texto dramático, de que é exemplo o *Auto da Índia* de Gil Vicente. Além disso, é relevante reforçar que a literatura de viagens, desde o período de Quinhentos, vem estabelecer um paradigma cultural e identitário que condiciona a perspectiva axiológica do povo português e lhe traça para sempre um perfil, onde se evidencia um desajuste entre o que *fomos*, ainda *queríamos ser* e já *não somos*, restando hoje apenas um “país de muito mar”, título do poema de Manuel Alegre, que a seguir se cita parcialmente:

“Somos um país pequeno e pobre e que não tem  
senão mar  
muito passado e muita História e cada vez menos

<sup>19</sup> Real 1998: 180.

<sup>20</sup> Sobre o nosso carácter complexo e duplo (que Agostinho da Silva equaciona na diáde: posicionamento *concreto* e *abstrato*), em vez de separar, é veículo de miscigenação rática e de autodescoberta. A propósito d’*Os Lusíadas*, especificamente, no episódio da *Ilha dos Amores*, afirma: “continuo a achar [que o épico] não canta o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, aproveita a narrativa para dizer que o importante a descobrir não é o lugar de onde vem a pimenta e aonde vem o veludo, que o ponto importante que os portugueses têm de descobrir é o tipo de vida que permita a um tempo mantê-los no abstracto e não descuidarem em nada o concreto, que aqui *o português tem obrigação de ser duplo* [...] e que talvez nessa duplicidade [...] é que podia estar um ideal para todo homem “. In Silva 1998: 81. Itálicos nossos.

<sup>21</sup> Silva 1998: 81.

<sup>22</sup> Esta produção é muito vasta na cultura portuguesa. Vide e.g: *Verdadeira Informação do Preste João das Índias* (1540), do Pe. Francisco Álvares; o *Tratado das Cousas da China* (1570), de Frei Gaspar da Cruz; o *Itinerário da Terra Santa* (1593), de Frei Pantaleão de Aveiro; a *Etiópia Oriental* (1609), de Frei João dos Santos; ou o *Itinerário da Índia por Terra* (1611), de Frei Gaspar de São Bernardino.



memória,  
 país que já não sabe quem é quem  
 país de tantos tão pequenos  
 país a passar  
 para o outro lado de si mesmo e para a margem  
 onde já não quer chegar (...)"<sup>23</sup>

É um facto que o resgate ficcional da memória, as representações simbólicas e míticas atuam na construção e na experiência do nosso quotidiano, verdade explicitada nas palavras de Eduardo Lourenço, quando afirma que “Portugal tem uma hiperidentidade porque tem um défice de identidade real. Como tem um défice de identidade compensa-a no plano imaginário”<sup>24</sup>. Significa isto que a nossa identidade oscila entre a realidade e o *imaginário simbólico*, sendo que o próprio símbolo é, por definição, dual: “bifronte e intermediário: está voltado para o consciente do mundo visível e para o inconsciente dos arquétipos. Pode, assim, assumir funções de mediador, transformando energias telúricas e libertando sombras dionisíacas”<sup>25</sup>. E, desse confronto entre a realidade e o símbolo, resultam bipolarizações<sup>26</sup> entre o “*eu sou o maior*” e o “*eu não sou ninguém*”<sup>27</sup>, sendo que o Português ora pende para

“um sentimento de auto-submersão nas suas ancestrais raízes de cruzado evangelizador e marinheiro descobridor [...] erguendo-se posteriormente como povo iluminado; ora auto-humilha-se na comparação civilizacional com o nível atingido por outros povos e clama-se a si próprio como nulo e decadente”<sup>28</sup>.

Na realidade económica e social frágil de Portugal, sem grandes riquezas naturais, enclausurado pelo reino de Castela, o homem português tem como último reduto o mar e as potencialidades que este oferece e caracteriza-se, ao mesmo tempo, pela solicitação da “aventura” e pelo “complexo de ilhéu”:

---

<sup>23</sup> Alegre 2007: 18.

<sup>24</sup> Apud Silva; Jorge 1993: 38.

<sup>25</sup> Mendes 1986: 14.

<sup>26</sup> Soares 2002: 281-298.

<sup>27</sup> Gil 2005: 13-16.

<sup>28</sup> Real 1998: 152.

“a primeira nascida do espírito de cruzada, a segunda do isolamento de povo comprimido entre o mar e a larga meseta Central Ibérica, habitada por aquele que nos ameaçava, ora nos complementava, ora conosco rivalizava”<sup>29</sup>.

Posto de outro modo, o ideário das passagens supracitadas – pese embora as diferentes terminologias escolhidas pelos diferentes autores – defende a noção de que existe, entre os portugueses,

“uma espécie de vazio próprio apenas satisfeito ou preenchido pelo desejo do que lhe está fora, sendo que este desejo do outro pode tomar corpo no desejo de regresso a formas do passado consideradas excelsas”<sup>30</sup>.

Acontece que os portugueses por vezes materializam essa busca do lá fora, na esteira “de um espaço simbólico, impensável”<sup>31</sup>. Todavia, quando os percursos se direcionam para um espaço físico e geográfico catártico, o mar é a porta natural que se abre “da Ocidental praia Lusitana”<sup>32</sup>. E, por isso, Portugal inicia a primeira globalização económica e cultural, em resultado da procura de uma rota marítima. Pelo mar se caminha em nome de Deus e pelo mar se alcança o conhecimento, que vem alterar a visão do universo. Mas o mar teve o seu preço, com custos materiais e humanos, físicos e psicológicos, tal como o documenta a *História Trágico-Marítima*

---

<sup>29</sup> Real 1998: 152. No dizer de Maria Manuela Cruzeiro, na obra *Eduardo Lourenço – O Regresso do Corifeu*: “há uma espécie de vazio de identidades reais que é compensado a nível simbólico com o sentimento de uma identidade simbólica que repousa exclusivamente, ou quase exclusivamente, em referentes de ordem mítica, em mitos fundadores” In Cruzeiro 1997: 73-74.

<sup>30</sup> Real 1998: 172.

<sup>31</sup> Eduardo Lourenço, no artigo “Lá fora e cá dentro ou o fim de uma obsessão”, afirma que “só de lá [do oriente] é que o fabuloso da aventura portuguesa podia ser avaliado e assim sentido. *De lá* onde estando longe, estávamos como em casa e muitas vezes com mais intensidade do que no caseiro *cá dentro*”. In Lourenço 2004: 162. José Gil, numa entrevista que pré-anunciava o lançamento do seu livro: *Portugal, hoje – medo de existir* e conduzida por Catarina Pires, intitulada “Somos um país de invejosos”, tem uma perspetiva semelhante à de Eduardo Lourenço, visto que posiciona, de igual modo, o *lá fora*, num espaço simbólico. Neste particular, enquanto discorre sobre os medos que percorrem a nossa sociedade (atual) que tudo entravam, bem como sobre o inconsciente coletivo, postula que “as transformações importantes em nós fazem-se a partir de fora “não sendo, todavia, o fora o estrangeiro”. Para este autor, *o fora* coexiste com *o dentro* e para o potenciar é “necessário dessubjectivarmo-nos e isto significa não olharmos só para nós”, in Gil 2005<sup>a</sup>: 26.

<sup>32</sup> Camões *Lus*, 1.1.

e os poemas da literatura moderna e contemporânea, que revisitam essa imagética, como o poema pessoano:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó Mar!”<sup>33</sup>

Em nome de Deus, cumprindo um ideal de evangelização, viajaram padres e missionários, de entre os quais sobressai o Padre António Vieira que, nos complexos exercícios semânticos da sua oratória sacra, testemunha a recorrência a elementos relacionados com o mar. No seu *Sermão de Santo António aos Peixes* (1654), refere-se à “*Nau Soberba, Nau Vingança, Nau Cobiça, Nau Sensualidade*”, num processo gradativo que visa traduzir os vícios dos homens. Na verdade, neste sermão alegórico, os peixes com os seus defeitos são a metáfora dos homens, sendo “os Roncadores” a representação da soberba e do orgulho; “os Pegadores”, a imagem do parasitismo e da adulação – dos que “vivem na dependência dos grandes e morrem com eles”; “os Voadores”, marcados pela presunção e pela ambição; e “o Polvo”, que se disfarça e ataca de emboscada, a alegoria da traição, claramente expressa no registo paradoxal não alheio à ironia: “E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta *hipocrisia tão santa* (...) o dito polvo é o maior traidor do mar”<sup>34</sup>.

Mais do que dar aqui relevo às feições da oratória sacra ao serviço da edificação do ouvinte cristão, interessa-nos a relevância do mar, já não visualizado de fora como na Idade Média, não devassado em extensão como nos propõem os poetas e cantores das Descobertas, mas conhecido em profundidade, nos pormenores comportamentais da vida animal. Semelhante visão do mar nas suas profundezas só ganha expressão igualmente relevante – mas de diferente modo – na contemporaneidade, com Sophia de Mello Breyner<sup>35</sup>. Com ela, porém, a poesia – de que é exemplo “Navio

<sup>33</sup> Pessoa 2013: 96.

<sup>34</sup> Vieira 2009: 102.

<sup>35</sup> Na obra da poetisa, o mar figura como obsessão temática. A título de exemplo, na poesia: “Dia do Mar” (1947); “Mar Novo” (1958), “Navegações” (1983), “Ilhas” (1989); em prosa: *Histórias da Terra e do Mar* (1989); no texto dramático: *O Bojador* (2001) e na literatura infanto-juvenil: *A Menina do Mar* (1958).

naufregado” – torna-se pictórica, quase fílmica, convocando as cores e apelando aos outros sentidos:

“Vinha de um mundo  
Sonoro, nítido e denso.  
E agora o mar o guarda no seu fundo  
Silencioso e suspenso.  
É um esqueleto branco  
o capitão, Branco como as areias,  
Tem duas conchas na mão  
Tem algas em vez de veias  
E uma medusa em vez de coração.  
Em seu redor as grutas de mil cores  
Tomam formas incertas quase ausentes  
E a cor das águas toma a cor das flores  
E os animais são mudos, transparentes.  
E os corpos espalhados nas areias  
Tremem à passagem das sereias,  
As sereias leves dos cabelos roxos  
Que têm olhos vagos e ausentes  
E verdes como os olhos de videntes”<sup>36</sup>.

O tema da relação de Portugal com o mar e com a viagem inspirou os poetas e prosadores clássicos e barrocos, revisitados permanentemente na atualidade, mas a evocação do mar repercute-se também durante o Romantismo. Disso é exemplo o poema do introdutor do movimento em Portugal, Almeida Garrett (1799-1854), com a composição “Barca Bela” de *Folhas Caídas*:

“Pescador da Barca Bela,  
Onde vais pescar com ela,  
Que é tão bela,  
Oh pescador?

[...]

Não se enrede a rede nela,  
Que perdido é remo e vela,

---

<sup>36</sup> Andresen 1991: 111.

Só de vê-la,  
Oh pescador.

Pescador da barca bela  
Inda é tempo, foge dela,  
Foge dela,  
Oh! Pescador!....”<sup>37</sup>

Lembramos ainda o poeta realista – se é que se pode ser realista em poesia<sup>38</sup> – Cesário Verde (1855-1886), com o poema “O Sentimento de um Ocidental”. A viagem é aqui deambulação pela cidade de Lisboa, realidade sensorial e objetiva, que contrasta com a fuga para um mundo em liberdade simbolizado pelas heroicas viagens dos Descobrimentos e sugerida no texto pelos barcos atracados no cais ou pela evocação da figura icónica de Camões. O poeta – Cesário Verde – memora ainda, no mesmo poema, o lado trágico do mar quando, comiserado com a vida do “cardume negro das varinas”, cujos “filhos (...) depois naufragam nas tormentas”<sup>39</sup>, sente que

“A Dor Humana busca amplos horizontes,  
E tem marés de fel, como um sinistro mar!”<sup>40</sup>

Na cultura portuguesa, além de ensaios críticos e de textos literários consagrados à viagem pelo mar, o tema surge também em reescritas ou revisitações de obras canónicas como a *Peregrinação* e a *História Trágico-Marítima* que refletem as contradições intrínsecas à ideologia expansionista. E, com isso, estabelecem um conjunto de paradigmas mitogénicos que, durante os séculos posteriores, constitui referência para os relatos literários de viagem como o de Raul Brandão, na obra *As ilhas desconhecidas*, Jorge de Sena (em “*A Grã-Canária*”) e José Saramago (em *O conto da ilha desconhecida*)<sup>41</sup>. O resgate ficcional dessa memória na modernidade propicia a reduplicação por intertexto de modelos atemporais, de modo mimético palimpséstico<sup>42</sup> e, por outro lado, possibilita a sua subversão.

---

<sup>37</sup> Garrett 1999: 69.

<sup>38</sup> Soares 1998: 1-35

<sup>39</sup> Verde s.d.: 100.

<sup>40</sup> Verde s.d.: 100.

<sup>41</sup> Soares 2017: 109-126.

<sup>42</sup> Silva 1997: 626.

Na contemporaneidade, a configuração do imaginário das viagens marítimas a partir da história das navegações consolida-se na literatura, através da qual são registados os valores estruturais de cada época, a descoberta do conhecimento, o conceito de verdade e a aventura da escrita, não apenas no âmbito narrativo mas ainda em poesia. No dizer de José Cândido de Oliveira Martins, podem enumerar-se três linhas de força ao nível da receção da literatura trágico-marítima na poesia moderna e contemporânea<sup>43</sup>: uma perspetiva apologética e patriótica, “que procurou engrandecer o nosso passado histórico, com destaque para o período áureo das Descobertas quinhentistas”, uma perspetiva parodística<sup>44</sup> e uma perspetiva de reescrita ficcional da história. O recurso intertextual figura aqui como uma forma peculiar e um modo inédito de repensar Portugal, perspetivando o presente e o futuro à luz do seu passado. Assim acontece com a poesia portuguesa moderna e contemporânea que não ficou imune à influência dos relatos das viagens (mito henriquino), quer quando numa perspetiva intertextual manifesta convoca esses relatos, quer ainda quando, dum modo mais implícito, explora reflexões ideológicas centradas nos custos humanos e materiais do movimento expansionista português, ou transpõe, adapta e reinterpreta a *ideia de naufrágio da Nação*, herdada sobretudo da *Geração de 70*<sup>45</sup>.

No enquadramento saudosista, os relatos de naufrágios eram lidos como provas supremas de heroísmo e patriotismo e os naufragos eram vistos como figuras veneráveis da política expansionista que procurou engrandecer o Império português. É esta a posição de Augusto Casimiro (1889-1967), em “O poeta e a Nau”, onde à luz da ideologia veiculada pela *Águia*, no início da segunda década do século XX, explora num soneto as implicações dos “horrídeos naufrágios” no caráter e na cultura nacionais.

---

<sup>43</sup> Cf. Martins 2003: 1-20. Consultado em 5. 3.2012. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid03.htm>.

<sup>44</sup> No dizer do mesmo autor, esta tendência *parodística*, embora se acentue mais nas décadas de 1960-70, é mais ou menos contemporânea da *apologética* e *patriótica* (anos 1940 a 1960) promotora de uma imagem místico-nacionalista de Portugal geralmente proclamada pelo regime do *Estado Novo*. Como reverso do estereótipo, presidia aos textos a intenção parodística desmistificar certa ideia heroica da nossa História do *Portugal fascista e pindérico*, como lhe chamavam os representantes do Surrealismo. Assim, evocar as imagens naufrágios, da cupidez e rapina dos portugueses no Oriente, da nossa *pelintrice cultural* – era uma forma satírica e insubmissa face ao *esplendor de Portugal*. Cf. Martins 2003: 1-20. Consultado em 5. 3.2012. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid03.htm>.

<sup>45</sup> Se recuarmos na história, já nos finais do século XIX, alguns pensadores e poetas defendiam no Ocidente a ideia de uma comunidade do Atlântico.

Nos mares tempestuosos, viaja sem governo uma nau errante e, em chave de ouro, esclarece-se a imagem inicial: “– O marujo é o Poeta – e a nau... Portugal!”

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...  
O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...  
As velas mortas... Nem sequer vento galerno  
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convés pesa um velho cansaço  
E ou destino fatal ou maldição do inferno,  
O mastro grande em vão aponta para o espaço...  
- Sobre as ondas a nau é um cárcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,  
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta  
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

“Porque o vento há de vir aninhar-se nas velas!”  
“Porque a nau voará, - tocará nas estrelas!...”  
- O marujo é Poeta - e a nau... Portugal!”<sup>46</sup>

Desenha-se no soneto a questão desenvolvida por Pascoaes e Pessoa do *império da cultura* encabeçado pelo *Poeta* e vem provar-se como o mito da viagem marítima é obsessão temática na literatura, *arte-linguagem* que desempenha uma função relevante na modelização do mundo e na convalidação de crenças e valores. Vergílio Ferreira, ensaísta e ficcionista de relevo no panorama cultural da segunda metade do século XX, na cerimónia em que lhe é atribuído o *Prémio Europália*, em 1991, profere um discurso onde afirma a relação da língua portuguesa com a viagem pelo mar, encarando o elemento aquático como constituinte da nossa mitogenia e integrante duma antropologia filosófica de características nacionais. Regista-se dele a frase emblemática:

“Da minha língua vê-se o mar. Na minha língua ouve-se o seu rumor como na de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi em nós a da nossa inquietação. Assim o apelo que vinha dele foi o apelo que ia de nós. E foi nessa consubstanciação que um novo espírito se formou”<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Casimiro 1912: 129.

<sup>47</sup> Ferreira 1999: 83-84.

Para Jacinto do Prado Coelho, é “de distância [que] se alimenta o imaginário”<sup>48</sup>, e “sem viagem e risco, longos apartamentos, emigração e exílio ficaria em grande parte esvaziada a nossa cultura, apagados os seus traços específicos, comprometida a sua universalidade”<sup>49</sup>.

De costas voltadas para Castela e depois de concluída a conquista da terra Pátria, a viagem marítima é a porta natural que se abre e Portugal lança-se na sua maior aventura coletiva. Pela viagem marítima se alcança o conhecimento, pois o contacto com o Novo Mundo contribui para o nascimento de uma nova mentalidade e para o alargamento dos horizontes científicos e humanísticos.

Tornou-se o *Mar Português*<sup>50</sup>, pela aventura coletiva a qual *esteve, está*<sup>51</sup> e *estará* inscrita na cultura deste país de finisterra, que se vê geograficamente desenhado como o rosto da Europa por Camões:

“Eis aqui, quási cume da cabeça  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa  
E onde Febo repousa no Oceano”<sup>52</sup>.

E a ideia é complementada pelo *supra-Camões* na primeira parte da *Mensagem*, onde, em atitude mediúnica, o poeta configura Portugal como a mítica Esfinge e lhe traça para sempre um rosto voltado para o mar:

“A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.

---

<sup>48</sup> Coelho 1984: 19-21.

<sup>49</sup> Coelho 1984: 19-21.

<sup>50</sup> Pessoa 1990: 155.

<sup>51</sup> Entre outros exemplos que revelam a obsessão como tema ou mitologema da viagem por mar, citam-se aqui as obras de autores atuais como Manuel Alegre *Atlântico* (1989); *30 Anos de Poesia* (1995); *As Naus de Verde Pinho* (1996), *Arte de Marear* (2002); *Doze Naus* (2007). Manuel António Pina, escritor e jornalista, é também um autor que revisita o mitologema henriquino e onde o tema da viagem por mar se evidencia em obras como: *Os Piratas* (1986); *Aquilo que os Olhos Vêem ou O Adamastor* (1998); *O Tesouro* (2005).

<sup>52</sup> Camões *Lus.* 3.20.



O cotovelo esquerdo é recuado;  
 O direito é em ângulo disposto.  
 Aquele diz Itália onde é pousado;  
 Este diz Inglaterra onde, afastado,  
 A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar sfingico e fatal,  
 O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal”<sup>53</sup>.

Pela viagem marítima fez-se a difusão da fé, pois a evangelização dos povos acompanhou o projeto português desde as Descobertas. Mas a Viagem teve o seu preço humano, material e espiritual, pois ultrapassaram-se as barreiras físicas do *Adamastor*, as considerações do Velho do Restelo, venceu-se o Cabo das Tormentas e o Cabo Bojador, o que corresponde também e indubitavelmente à superação de barreiras psicológicas: “Quem quer passar além do Bojador/Tem que passar além da dor”<sup>54</sup>, na afirmação de Pessoa. É na lógica deste contexto que Fernando Pessoa, ao refletir em metatexto sobre “a nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, profetiza nas *Páginas Íntimas e de auto-interpretação* que:

“a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço em naus que são construídas *daquilo de que os sonhos são feitos*. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente”<sup>55</sup>.

Resta dizer que é também pelo “Mar Português”<sup>56</sup>, na viagem de *perigo e abismo que se espelha o céu*<sup>57</sup> e se opera a concretização do sonho, a vocação nostálgica de Absoluto, da afirmação de Gil Vicente: “pelo impossível andamos, não por al”, sendo que, atualmente, e em suma,

---

<sup>53</sup> Pessoa 2013: 19.

<sup>54</sup> Pessoa 2013: 97.

<sup>55</sup> Pessoa 1990: 173.

<sup>56</sup> Pessoa 2013: 96-97.

<sup>57</sup> Expressões de Fernando Pessoa “Deus ao mar o perigo e o abismo deu,/Mas nele é que espelhou o céu” Pessoa 2013: 97.

“somos (...) o país em que em português o vento vem do mar. País do Mar Absoluto. País em que, por vezes, *há um navio fantasma sem ninguém ao leme*. País em que sobre o mar visível haverá sempre o invisível, o mar de dentro. E é nesse que todos nós continuaremos sempre a navegar”<sup>58</sup>

## Bibliografia

### Fontes

- Alegre, M. (1989), *Atlântico*. Lisboa: D. Quixote.
- Alegre, M. (1995), *30 Anos de Poesia*. Lisboa: D. Quixote.
- Alegre, M. (1996), *As Naus de Verde Pinho*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Alegre, M. (2002), *Arte de Marear*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Alegre, M. (2007), *Doze Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Alegre, M. (2008), “O que mais me toca é o prémio ter o nome de um rei poeta”. *Manuel Alegre ao receber o Prémio D. Dinis* (atribuído pelo livro *Doze Naus*), s.p. Disponível in <http://www.manuelalegre.com/301000/1/000275,000018/index.htm>. Consultado em 17-11-2014.
- Andresen, S. de M. B. (1991), *Obra Poética*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Camões, L. de (1973), *Rimas*. Coimbra: Atlântida.
- Camões, L. de (2000), *Os Lusíadas*. (Pref. Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro). Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros: Instituto Camões.
- Casimiro, A. (1912), “O Poeta e a Nau”, *A Águia* 2ª série: 129.
- Ferreira, V. (1999), “A Voz do Mar”, in *Espaço do Invisível* 5. Lisboa: Bertrand, 83-84.
- Garrett, A. (1999), *Folhas Caidas*. Mem-Martins: Europa- América.
- Pessoa, F. (1990), *Mensagem e outros poemas afins* (Introdução, organização e bibliografia atualizada de António Quadros). Mem-Martins: Europa-América.
- Pessoa, F. (2013), *Mensagem* (Comentada por Miguel Real). Lisboa: Edições Parsifal.
- Pina, M. A. (1986), *Os Piratas*. Porto: Areal Editores.
- Pina, M. A. (1998), *Aquilo que os Olhos Vêem ou O Adamastor*. Porto: Campo das Letras.
- Pina, M. A. (2005), *O Tesouro*. Porto: Areal Editores.

---

<sup>58</sup> Alegre 2008: s.p

Verde, C. (s./d.), *O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: Ed. Minerva.

Vieira, Padre António (2009), *Sermões Escolhidos de Santo António aos Peixes*. Lisboa: Editora Ulisseia.

### **Obras consultadas**

Almeida, O. T. de (1991), “A questão da identidade nacional na escrita portuguesa contemporânea”, *Hispania* 74. 3: 492-500.

André, J. M. (2005), *Diálogo Intercultural. Utopia e Mestiçagem em Tempo de Globalização*. Coimbra: Ariadne Editora.

Antunes, M. (1966-67), *História da Cultura Clássica*. Lisboa: Faculdade de Letras.

Assmann, A. (2011), *Espaços da Recordação formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Coelho, J. P. (1984), “De distância se alimenta o imaginário”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 95 (de 1 a 7 de Maio): 19-21.

Couto, M. (2009), “Como pensar a democracia numa língua em que não existe a palavra democracia? Num idioma em que presidente se diz Deus?”, *África XXI*, Maio de 2009. Disponível in <http://www.ciberduvidas.com/lusofonias.php?rid=2075> Consultado em 4-03-2012.

Cruzeiro, M. M. (1997), *Eduardo Lourenço - O Regresso do Corifeu*. Lisboa: Editorial Notícias.

Gil, J. (2005), “Pensar Portugal, Hoje” (entrevista de Rodrigues da Silva), *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 895 (19 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2005): 13-16.

Gil, J. (2005a), “Somos um país de invejosos” (entrevista conduzida por Catarina Pires no pré-lançamento do livro de José Gil, *Portugal, hoje – medo de existir*), *Notícias Magazine*, suplemento integrante do *Jornal de Notícias* 264 (20 de Fev.): 19-26.

Hall, S. (2010), *A identidade Cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.

Lourenço, E. (2004), “Lá fora e cá dentro ou o fim de uma obsessão”, in *Destroços – O Gibão do Mestre Gil e Outros Ensaios*. Lisboa: Gradiva, 162-166.

Lourenço, E. (2010), *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Gradiva.

Martins, J. C. de O. (2003), “A Literatura Trágico-Marítima e a Literatura Contemporânea”, 1-20. Disponível in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid03.htm> Consultado em 5-3-2012.

Mendes, J. (1986), *Teoria Literária*. Lisboa: Ed. Verbo.

Quadros, A. (1982), *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista. O sebastianismo em Portugal e no Brasil*, vol. 1. Lisboa: Guimarães Editores.

- Quadros, A. (1989), *A ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos últimos 100 anos*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- Real, M. (1998), *Portugal Ser e Representação*. Viseu: Difel.
- Real, M. (2011), *Introdução à Cultura Portuguesa*. Lisboa: Grupo Planeta.
- Silva, V. M. de A. (1997), *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Silva, A. S., Jorge, V. O. (orgs.) (1993), *Existe uma Cultura Portuguesa?* Porto: Afrontamento.
- Silva, A. da (1998), *Vida Conversável*, (Henryk Siéwierski – org. e prefácio). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Soares, M. L. de C. (1998), *Cesário Poeta-Pintor Realista? A arte de fazer “um corpo orgânico aos bocados”*. Vila Real: UTAD.
- Soares, M. L. de C. (2002), “A ideologia bipolar d’*Os Lusíadas*: o Velho do Restelo e o Herói Gama”, *Revista Portuguesa de Humanidades* 6 – 1/2: 281-298.
- Soares, M. L. de C. (2007), *Profetismo e Espiritualidade de Camões a Pascoaes*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Soares, M. L. de C. (2017), “O conto da Ilha desconhecida de José Saramago e a simbologia da viagem”, *Humanitas* 70: 109-126.